



Lucas Lacaz Ruiz



Lucas Lacaz Ruiz

RESGATE BOMBEIRO TRABALHOU NA USINA, AO LADO DA BARRAGEM, NUMA DAS ESTRUTURAS MAIS COLAPSADAS E PERIGOSAS

ATUEI NA TRAGÉDIA DA TAM, PORÉM AQUI É DIFERENTE

Capitão dos bombeiros, Antonio Bernardes conta como foi trabalhar em Brumadinho por seis dias

Uma coisa é ver na TV ou pelas fotos. A outra é sobrevoar o local. Cheguei na tarde de sábado e fiz um sobrevoo. É inimaginável a quantidade de massa que desceu da barragem até rio Paraopeba. Atuei na tragédia da TAM, em 2007. Mas Brumadinho é diferente.

Fiquei seis dias e atuei em duas funções: no posto de comando coordenando as equipes de bombeiros militares e dentro da área quente, onde estava a lama. Atuei na usina que fica ao lado da barragem.

É um dos pontos mais críticos com a estrutura totalmente colapsada, e havia corpos lá. Encontramos alguns e muitos segmentos, como mãos e

pedaços de couro cabeludo. Acharmos alguns corpos intactos, e não consigo explicar.

Trabalhamos em estado de alerta total para a necessidade de uma evacuação rápida. Havia bombeiros de várias partes do país e trabalhados de forma integrada. Foi uma operação muito bem organizada, pois o risco era alto.

Entramos em áreas de lama com contaminação. Nesse cenário, um precisa do outro.

Passamos depois por descontaminação, tomamos coquetel de remédios. Todas as cautelas foram atendidas. Foi muito edificante porque a gente se sentia seguro.

Na minha semana, estávamos em 43 bombeiros paulistas. O estado se dividiu em quatro grandes equipes. Em campo, contando todo mundo, chegamos a trabalhar com 180 militares do Brasil todo.

O calor era extenuante e depois íamos para a descontaminação num corredor, no final do dia, às vezes com chuva e com a aeronave pousando perto. Acabei pegando um resfriado forte.

A dificuldade da lama é a locomoção. Havia trecho de 15 metros de profundidade. É preciso cautela e técnica. Demorávamos até duas horas em um trecho de 100 metros durante a varredura. Usamos ta-

pume, mas é muito cansativo. Uma vez localizado um corpo, a aeronave vinha recolher. Havia pontos de lama mais rígida e seca, outros mais líquidos e pastosos. O trabalho foi dividido em seis quadrantes, com 6,3 mil m² cada.

Havia muitos corpos destruídos, em avançado estado de putrefação. A lama chegou a 80 km/h e isso destrói a pessoa. É um tsunami com barro, pedra, madeira, entulhos.

No momento da operação não dá tempo de se emocionar. O foco é a segurança. Os bombeiros foram para lá com curso específico de salvamen-

to terrestre, busca e resgate em estrutura colapsada. Tinha que ter um padrão de atendimento internacional nas equipes de bombeiros.

Dormíamos de 4 a 5 horas por noite. Quando os familiares pediam ajuda, isso nos fortalecia. Dar dignidade maior para as famílias. Mas somos emotivos, somos humanos, e isso vinha no final do dia.

Trago de lá, como experiência de vida, o recomeço, a superação. Brumadinho precisa ter um recomeço de vida. É um processo de longo prazo. ■

Por Antonio Bernardes



“No momento da operação não dá tempo de se emocionar. O foco é a segurança”

Antonio Carlos Bernardes
Comandante Bombeiros S. José e Jacareí



Lucas Lacaz Ruiz

Resgate. Em meio à lama, equipes de resgate participam de mais um dia de trabalho